

Trajatórias, narrativas e memórias de mulheres esportistas

Cláudia Maria de Farias *

Resumo: O trabalho reafirma a importância dos estudos de gênero para a compreensão dos processos históricos contemporâneos através dos quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro, entre os anos de 1960 e 70. Através das narrativas orais de duas atletas – Eliane Pereira de Souza e Aída dos Santos –, são examinadas as múltiplas intersecções do *gênero* com outros componentes de diferenciação social, como classe, raça/etnia e geração, fundamentais para a reconstrução das experiências que marcaram os projetos, as carreiras, trajetórias e memórias dessas mulheres durante a vigência da ditadura militar brasileira.

Palavras-chaves: mulheres esportistas – relações de gênero – emancipação feminina

Abstract: The work reaffirms the gender studies importance for the understanding of the contemporaneous historical processes through of which occurred the insertion, permanence and enlargement of the women' s participation in the Brazilian sportive field, between the 1960 and 70 years. Through the two athletes' oral narratives– Eliane Pereira de Souza and Aída dos Santos –, are examined the multiple *gender* intersections with other components of the social differentiation, like class, race and generation, fundamental for the experiences reconstruction that left one' s mark on the projects, the careers, trajectories and memories of those women during the period in force of the Brazilian military dictatorship

Keywords: sportive women – gender relations– feminine emancipation

Eliane Pereira de Souza é uma atleta negra da natação brasileira, especialista no nado de peito. Nascida em 1 de julho de 1952, na cidade do Rio de Janeiro, teve uma infância pobre ao lado de 4 irmãos. Avistada por um técnico de natação do Clube de Regatas Vasco da Gama na piscina de um escola pública no bairro de São Cristóvão, Eliane Pereira foi levada para o clube, com 9 anos. Posteriormente, já como atleta do Vasco, ela e seus irmãos receberam bolsas para estudarem em escolas privadas. Perguntada sobre como foi seu ingresso na escola e no esporte, Eliane Pereira destacou o papel fundamental da natação na sua vida e de seus irmãos, pois foi através desse “ganha pão”, como ela mesma reconhece, que tiveram uma relativa ascensão social e melhoraram nos estudos, sendo que Eliane, para se dedicar ao esporte, nunca trabalhou até casar, com 19 anos, e concluir o curso de Educação Física na UERJ. A continuidade e perseverança nos treinamentos, apesar das dificuldades financeiras e dos incontáveis preconceitos sofridos, a tornaram campeã carioca e brasileira, aos onze anos.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da UFF, bolsista do CNPq

Logo depois, Eliane passou a integrar a seleção brasileira de natação, participando dos Jogos Pan-Americanos de 1967, realizados em Winnipeg (Canadá), e dos Jogos Pan-Americanos de 1971, em Cáli (Colômbia), nos 100 m nado de peito.

Mesmo tendo representado o Brasil em duas edições dos Jogos Pan-Americanos, sua história na natação é pouco conhecida no país. Recentemente, depois de sofrer um acidente, Eliane Pereira se tornou deficiente visual, participando dos Jogos Parapan-Americanos do Rio, realizados em 2007. Como veremos, sua história de vida se insere entre dois acontecimentos chaves. Num primeiro momento, foi pontuada pelas amarguras e discriminações que enfrentou, já na infância, de outras nadadoras, técnicos e dirigentes esportivos por ser negra e pobre. Afinal, sua inserção no mundo esportivo se deu numa modalidade majoritariamente dominada por atletas brancos, oriundos das classes média e alta, em tese menos afetada pelas diferenças de gênero. Neste sentido, sua trajetória pode ser considerada exemplo de uma “biografia desviante” (ou de uma “outsider”) pois, de acordo com o sentido atribuído por LEVI (1994:179-80), revela-se contrária ao comportamento de um grupo e permite identificar o que seria mais freqüente, bem como as possibilidades latentes de um indivíduo.

Com efeito, a entrevista de Eliane Pereira nos revelou como seus projetos, sua carreira, memória e identidade social foram, desde o início, sendo forjados nos interstícios de uma dupla *estigmatização*¹ que, fincada no entrecruzamento dos conflitos, das tensões e hierarquizações de classe e raça, acabava por atravessar e recobrir sua identidade e *consciência de gênero*² no passado. Porém, como os fenômenos de identificação social nunca são fixos, mas contínuos, fluídos e transitórios, podemos perceber, num segundo momento, um outro ponto de ruptura na história de vida dessa esportista, fundamental no trabalho de reconstrução de si mesma e de seu lugar social como atleta no presente. Refiro-me à nova fronteira de alteridade interposta e transposta no cotidiano difícil que Eliane enfrenta hoje como deficiente visual. Portanto, conforme observaremos, sua memória está circunscrita num horizonte temporal delimitado pela rememoração e eternização dos não-lugares das exclusões e hostilidades, ou seja, pela sua resistência e sujeição diante das divisões de classe e raça vividas no passado e pela angustiante busca de se perceber hoje também como atleta para-olímpica. Este aspecto surge quando Eliane se recorda da experiência traumatizante nos Jogos Pan-Americanos de 1967 em Winnipeg, onde foi abandonada – desmistificando o ideal de

¹ O estigma social é imposto pelos grupos de mais poder e prestígio a outros indivíduos e grupos, vistos como inferiores, cf. ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., p. 24-25

² Cf. PERROT, Michelle. “Sair”. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 279

sororidade entre as mulheres – pelas outras atletas brancas da natação brasileira, em um shopping center, sozinha, sem saber falar o inglês e com apenas 14 anos:

“Comecei a chorar, chorar, chorar... Queria ir embora, não queria competir, não queria mais nada... Foi por isso que eu, agora, não fiz força nenhuma para ir as Paraolimpíadas (de Pequim). Eu lembrei muito do Pan-americano. Lá eu era pequena e agora eu sou deficiente. Fiquei com medo, entendeu? Então não fiz mesmo, não fiz força para conseguir o índice da Para-olimpíada. Fiquei com medo de chegar lá, de me largarem lá sozinha. Não é nem a língua ‘japonesa’... Eu fiquei com medo porque agora eu não enxergo. Por isso eu não quis ir. Já pensou? Eu lembrei do passado... No passado eu enxergava. E agora? Não, não....”³

Com efeito, suas diferenças identitárias, sentidas de forma tão dilacerante, são evidenciadas em vários momentos da entrevista. Quando indagada sobre seu início na natação brasileira, Eliane Pereira respondeu:

“Logo assim que eu comecei a ingressar no Clube de Regatas Vasco da Gama, eu tinha nove anos, né, era pequena... a gente sente muito também, porque devido a cor, a gente é um pouquinho, como se diz é tem o negócio de preconceito, né? Então eu lembro que quando eu fiz 11 anos, eu competi o primeiro campeonato brasileiro, lá em São Paulo, no Corinthians, era muito negócio de preconceito... Chegando lá, foi até eu e minha irmã competir lá, nunca me esqueço, na hora que eu vou para a raia, todo o mundo era claro, branco, a única negra era eu, a arquibancada todinha só me xingava: - tira essa crioula daí! O que ela tá fazendo aí? Tira essa negra daí! Eu cheguei na raia chorando. Nunca esqueço, chorando mesmo. Só que parecia que aquele dia era meu. Aquela dia era meu! (bati muito na mesa) Tinha uma menina do lado, uma loirinha lá, gauchazinha, há mais de cinco anos que ninguém tirava o primeiro lugar dela. Pois eu ali tirei o primeiro lugar dela. Eu nunca esqueci... Então depois desse dia, desse preconceito que eu sofri, que eu senti, aí eu nunca mais... eu nunca mais senti nada! Eu sabia que era duro, era duro pra mim ir em frente, mas eu com força e garra, eu quis, eu quero nadar, quero nadar, fui nadando, nadando...”⁴

Nesta passagem, podemos perceber como as mágoas e os (res)sentimentos provocados pelos estigmas sociais (de classe e raça) sofridos por Eliane desde criança, serviram como fonte de força e estímulo para que seguisse nos seus propósitos de continuar nadando e construir uma carreira esportiva, apesar dos momentos de hesitação, dúvidas e conflitos que, possivelmente, vivenciou em função das inúmeras rejeições e humilhações de que foi alvo. Neste sentido, é preciso considerar como a raiva recalçada, a indignação e o orgulho ferido marcam a sua memória ainda no presente, ao mesmo tempo que lhe possibilitaram forjar laços de identidade e um projeto de vida no passado. Segundo assinala ANSART (2004: 21-22), é preciso compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte, que atitudes e condutas inspira, consciente ou inconscientemente. Com efeito, seu

³ Entrevista concedida a Claudia Farias, 21/10/2008

⁴ Idem

desejo de permanecer nessa modalidade esportiva, bem como os laços de identidade e solidariedade raciais, criados com algumas atletas negras de outras gerações (principalmente com as mulheres do atletismo, como por exemplo Aída dos Santos), se consolidaram à medida que ela experimentava novas situações de abandono e discriminação no meio elitista da natação, vejamos:

“não to dizendo que fiquei só nos risos não, eu chorava muito, chorava muito mesmo. Tinha uma competição, a Luso Brasileira, quando eu fui para fora, pois elas me largaram sozinha lá, porque a natação não era muito unida igual ao atletismo, no atletismo as pessoas já são mais de cor... Então quando eu viajava com todo mundo, eu era bem menor do que elas, né do que a Aída. Então eu ficava muito com elas, não ficava com o pessoal da natação. Porque o pessoal da natação, nessa competição, elas queriam que eu empatasse com a outra, que eu não ganhasse da outra que tava lá. Aí eu fui correndo no pessoal do atletismo contar esse lance. Aí a Aída e Odete falaram: - “nós vamos estar lá e você vai ter que ganhar”. Minha luta sempre foi assim...”⁵

Mesmo reconhecendo que sua convivência com nadadoras e técnicos de natação “não era muito boa”, Eliane Pereira fez questão de enfatizar sua luta incessante para vencer as competições: “- nunca podia ganhar de tão pertinho, eu só conseguia as coisas se ganhasse na distância... se eu ganhasse de pertinho quem iria era a outra”. Fazendo uma comparação com as ferrenhas disputas olímpicas atuais na natação, vencidas muitas vezes por uma diferença de centésimos de segundos, Eliane deixou claro que, naquela época, só conquistava o primeiro lugar nas competições se sua diferença para a segunda colocada fosse grande, isto é, bem visível aos olhos do público e juízes. Caso contrário, corria o risco de ver o prêmio passar para as mãos de suas concorrentes brancas, muitas, inclusive, filhas de diretores de clubes, conforme destacou na entrevista.

Além destas situações, Eliane narrou seu esforço para ingressar e permanecer na seleção brasileira, pois o então técnico Carlos Roberto Pavel afirmava, com insistência, não existir negros na natação devido aos seus ossos serem muito pesados para a água. Quando perguntada sobre sua reação a este episódio, ela afirmou, batendo na mesa: “- Mas eu não quis saber, eu não quis saber. Eu queria fazer natação, eu queria ser nadadora, entendeu? Então eu não dava ouvidos a isso, a essas coisas. Eu nunca dei ouvidos a nada que viesse com esse negócio de preconceito em cima de mim...”. No entanto, em outros momentos da entrevista, de forma contraditória e fugidia, Eliane lembrou seu sentimento de inferioridade, de baixa auto-estima quando tomava conhecimento das reações de antipatia que suscitava: “- toda vez que minha irmã sentava na arquibancada ela me dizia que escutava das senhoras

⁵ Entrevista dada a Cláudia Farias, 21/10/2008

atrás, as mães de outras meninas, sei lá : - ‘não sei o que é que aquela neguinha tem que ela consegue’. Essas coisas ela (sua irmã) contava para mim e eu ficava meio para baixo, né?”⁶

Neste sentido, ao elaborar um sentido orientado e ascendente para sua trajetória esportiva, Eliane parece negar e/ou interiorizar, em algumas passagens da sua narrativa, as exclusões vivenciadas, bem como “esquecer” os limites que lhe foram impostos por esse desequilíbrio de forças e as possibilidades perdidas na sua carreira em função desses estigmas sociais. Ao ser indagada na entrevista sobre os motivos da sua não convocação para as Olimpíadas de 72, Eliane destacou que os dirigentes da natação brasileira, na época, não conduziram nadadoras para competir individualmente; só levariam a equipe feminina de revezamento. Como duas nadadoras do Flamengo não conseguiram o índice olímpico, Eliane, apesar de ter obtido a marca, afirmou, categoricamente, não ter ido às Olimpíadas de 72 somente por causa disso. Contudo, entrevendo que os verdadeiros motivos de sua não convocação seriam outros, constatei a participação de 3 nadadoras brancas em provas individuais nas Olimpíadas de 72, sendo que a atleta Christina Bassani Teixeira, uma das principais adversárias de Eliane Pereira no nado de peito, foi a representante do Brasil nos 100 e 200 m peito. Possivelmente, para evitar a explosão de (res)sentimentos e ódios recalçados numa nova disputa, os dirigentes militares preferiram não levá-la como representante do Brasil numa Olimpíada, ainda mais que o episódio anterior de abandono, vivido nos Jogos Pan-Americanos de 67, já havia provocado a “repreensão” das nadadoras que a deixaram sozinha no shopping center, segundo relatou Eliane.

As ambigüidades e contradições encontradas na narrativa de Eliane Pereira nos permitem dizer que ela, ao lembrar determinados períodos da sua vida pública, decidiu esquecer outros, provavelmente ligados aos traumas e recalques experimentados no passado, na tentativa de forjar um significado consistente, afirmativo e heróico para sua trajetória esportiva no presente que, não raramente, ressalta os episódios de abnegação, coragem, superação e resignação vividos. Neste sentido, é possível compreender o seu trabalho de *enquadramento da memória* (POLLAK, 1989). A despeito de algumas variações destacadas, a lógica presente na estruturação da sua memória liberta sua história de vida, tão carente de reconhecimento, da exclusão intransponível, da invisibilidade e do confinamento simbólicos que lhe foram impostos.

A partir dessas primeiras reflexões, examinemos agora a carreira esportiva de Aída dos Santos, atleta negra, praticante do salto em altura. Nascida em 1 de março de 1937, Aída dos Santos viveu uma infância muito pobre; conheceu a fome e a miséria desde cedo no Morro do

⁶ Entrevista concedida a Claudia Farias, 21/10/2008

Arroz, em Niterói, ao lado dos pais e dos 5 irmãos. Na escola técnica Aurelino Leal, perto da sua casa, Aída sempre praticava o voleibol, seu esporte predileto. No entanto, sua história no atletismo começou de forma inusitada, quando sua amiga Vilma, praticante do atletismo no ginásio do Caio Martins, ameaçou Aída com um ultimato: “se não tiver gente para jogar voleibol, você vem treinar atletismo. Ou não vou mais lhe dar carona na minha bicicleta”. Naquele dia, como não conseguiu formar uma equipe de vôlei, Aída cumpriu a promessa que fez para a amiga. O resultado foi surpreendente: Aída com poucas instruções que recebeu na hora, saltou 1,40m – apenas 5 cm abaixo do recorde estadual. Assim se iniciou sua trajetória no atletismo, na modalidade de salto em altura, esporte que lhe trouxe reconhecimento e prestígio, mas também muitas humilhações, sofrimentos e angústias vivenciados pela tripla discriminação enfrentada ao longo da carreira (de gênero, classe, raça), além da resistência e violência do próprio pai, que várias vezes bateu nela e a impediu de sair de casa para competir, segundo nos disse:

“eu fiz uma competição chamada ‘Rubens Espozel’ no clube Fluminense de Niterói. Quando eu falei para o meu pai que ia competir ele não deixou que eu fosse. Então não sai de casa. Mas a competição não se realizou porque teve um temporal. Na nova data da competição, minha colega Zu, foi na minha casa pedir ao meu pai para eu assistir ela competir. Ai eu fui, pulei 1,60 m, ganhei todas as competidoras que já vinham do Botafogo, Vasco e Flamengo. Isso foi no final de 57. Saiu até no jornal. Então quando eu cheguei em casa e mostrei a medalha ao meu pai, ele falou assim: - ‘você trouxe, ganhou dinheiro?’ Eu falei não e ele disse: - ‘medalha não enche barriga de ninguém não!’ Ele me bateu e falou: - ‘pobre tem que trabalhar para ajudar a sustentar a casa!’”⁷

Este aspecto é extremamente relevante para compreendermos a trajetória de Aída dos Santos, suas diferenças e pontos de contato em relação à carreira da nadadora Eliane Pereira. Quando começou a competir Aída já tinha 20 anos, ao contrário de Eliane que viveu seus dramas no esporte dos 10 aos 20 anos, aproximadamente. Porém, diferentemente de Eliane Pereira, que não enfrentou grandes resistências da família, Aída não podia contar com a ajuda nem da sua mãe e irmãos para conter a violência do pai. Em que pesem as discriminações de raça e classe enfrentadas por ambas, Aída dos Santos lutou ainda contra o preconceito de gênero, não só manifestado pelos pais, como também pelo seu namorado e amigas, em função de praticar uma modalidade reconhecida pela sociedade como violenta e masculina, não apropriada ao “sexo frágil”, ao contrário da natação⁸. Na entrevista, ela relatou as dificuldades

⁷ Aída dos Santos, entrevista concedida a Claudia Farias, 1/12/2008

⁸ O atletismo só deveria ser praticado pelas mulheres brasileiras desde que preservados certos limites e distâncias. O salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo eram proibidos, de acordo com a legislação produzida durante o Estado Novo.

encontradas durante os 17 anos de namoro que teve com o seu atual marido, com quem se casou somente após encerrar a carreira esportiva, por volta de 1972:

“Ele via sair no jornal assim: ‘Brasil vai viajar’. Aí ele me perguntava: - ‘você vai viajar outra vez?’. E eu dizia: - ‘não, não acredita nesses jornais não’. Então várias vezes ele chegava lá em casa no dia da minha viagem e mamãe dizia: - ‘já foi para o aeroporto’. Teve dia dele chegar no aeroporto, pegar a minha mala e dizer que eu não ia viajar. Ele puxava minha mala para cá, puxava para lá. Quando tinha oportunidade, ele pegava minha mala e saía correndo dentro do aeroporto. Ele não queria, não queria, toda vez que eu vinha ele dizia: - ‘acabou o namoro, acabou o noivado’! Ele falava isso no aeroporto, na lancha... Eu dizia: você não pode acabar o noivado comigo na lancha; você tem que ir na minha casa falar com o meu pai e minha mãe. Eu falava sempre isso pra ele.... Aí ele sumia um mês, um mês e meio, depois ele voltava e fazíamos as pazes”.⁹

Utilizando-se de várias estratégias combinadas, como a fuga e o confronto direto com o pai; o consentimento¹⁰, a dissimulação e a sedução com o namorado, Aída mostrava seu contra-poder para subverter a seu favor a dominação masculina. Dessa forma, administrando ambigüidades, tensões e conflitos na vida privada, Aída resistiu e praticou o atletismo dos 20 aos 34 anos. Foi atleta do Vasco da Gama e, posteriormente, do Botafogo. Obteve a medalha de bronze nas edições dos Jogos Pan-Americanos de 67 e 71 – competições em que Eliane Pereira também participou –, ficou em 4º lugar nas Olimpíadas de 64 (Tóquio) e em 20º lugar nas Olimpíadas de 68 (Cidade do México), entre outros resultados conseguidos. Ao contrário de Eliane Pereira, que praticamente encerrou a carreira na nataçãõ aos 20 anos, quando casou e teve filhos, Aída só se casou aos 33 anos, após encerrar a carreira esportiva, sendo que seu primeiro filho nasceu quando ela tinha 36 anos (no total, Aída teve 3 filhos). Essas peculiaridades, provavelmente, contribuíram para reforçar ainda mais a suspeita de masculinidade que pesava sobre ela por praticar o atletismo, vejamos:

“eu tinha muita consideração com uma amiga minha, muita, muita e depois quando eu comecei a fazer esporte eu senti que ela se afastou de mim. Aí fui a ela e conversei, o que foi? Ela foi sincera comigo e falou: - ‘você esta praticando esporte, meu pai falou que você é sapatão e não quer que eu conviva mais com você’”.¹¹

Assim, rompendo com o ideal de pureza racial e superando a tripla discriminação que sofriam as mulheres do atletismo negras e pobres, Aída ainda alcançou o quarto lugar no salto em altura nas Olimpíadas do Japão (1964), numa delegação onde o restante dos atletas era apenas de homens. Em seu relato, a atleta contou suas angústias e as enormes barreiras

⁹ Aída dos Santos, entrevistada por Claudia Farias, 1/12/2008

¹⁰ Às vezes, o consentimento toma a forma de um contra-poder, isto é, quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência, cf. CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação masculina”. *Cadernos Pagu* (4), Campinas: UNICAMP, 1995, p. 42

encontradas para estabelecer o índice olímpico ainda no Brasil, bem como os problemas na viagem e na competição, desde a falta de técnico e material necessário para os treinos até a dificuldade de comunicação numa terra estrangeira. Na entrevista, ela deixou claro o preconceito e descaso da própria delegação brasileira, mas também a solidariedade recebida do atleta cubano Lazaro Betancourt, que a orientou dando dicas para melhorar seu rendimento e conseguir material. Mesmo com a ajuda externa, a atleta competiu sem os sapatos adequados nas eliminatórias da modalidade. O fato não impediu que fosse para a final, mas Aída torceu o pé. Ao inscrever no seu corpo as marcas da sua luta e resistência, Aída dos Santos conquistou o 4º lugar na modalidade de salto em altura – a melhor performance individual da delegação brasileira em Tóquio. Deve-se lembrar que, em sua trajetória esportiva, Aída dos Santos conviveu ainda com a pobreza extrema e a violência do pai – para quem esporte era “coisa de rico” – e com uma rotina que incluía treinos exaustivos e os trabalhos como lavadeira e faxineira para ajudar a família.

Posteriormente, nos Jogos Pan-Americanos de 1967 (Winnipeg) e nas Olimpíadas de 1968, realizadas no México, Aída também foi a primeira mulher brasileira a competir no pentatlo – prova do atletismo onde se conjugam o arremesso de peso, salto em distância, salto em altura, corrida de 200 m e 800 m rasos –, obtendo o 20º lugar. A performance foi conquistada em plena vigência da ditadura militar, quando esta modalidade se encontrava na lista dos esportes proibidos para as mulheres. Assim sendo, suas excelentes performances no atletismo acabaram por significar uma espécie de “empoderamento”, lhe permitindo galgar posição e prestígio no campo esportivo brasileiro, ao mesmo tempo que fazia surgir também a contra-estigmatização em uma batalha na qual o equilíbrio entre os diferenciais de poder vai se reduzindo aos poucos, conforme afirma ELIAS (2000: 24-25).

As singularidades das trajetórias apresentadas se tornam reveladoras quando permitem entrever as estratégias, posições, performances e os deslocamentos diferenciados dessas duas atletas durante o auge das suas carreiras, vivido entre a década de 1960 e o início de 1970. A despeito dos estigmas de raça e classe sofridos por Eliane e Aída, devemos levar em conta o peso diferenciado destes sobre a vida de cada uma delas e como influíram sobre suas condutas, ações e percepções de si mesmas. Afinal, se Aída dos Santos também vivenciou o preconceito de gênero, ao contrário da nadadora Eliane Pereira, não devemos esquecer que ela praticou o atletismo – esporte majoritariamente dominado por negros – já na fase adulta e, portanto, a rede de relações de identidade e solidariedade racial que conseguiu formar ao longo da sua carreira, mesmo entre atletas homens, provavelmente, foi maior e mais coesa,

¹¹ Aída dos Santos, entrevistada por Claudia Farias, em 1/12/2008

contribuindo para minimizar o desequilíbrio de forças existente. Não foi por acaso que Eliane Pereira, ainda criança e desprovida dessa rede de relações identitárias na natação, procurou muitas vezes amparo entre as mulheres mais experientes e de “cor” do atletismo, segundo ela mesma reconheceu na entrevista – fato confirmado também por Aída dos Santos.

As questões aqui analisadas podem servir de base para refletirmos também sobre os posicionamentos críticos e as possibilidades de ação dessas duas atletas diante das estruturas coercitivas. Enquanto Eliane Pereira reprimiu e silenciou seus ressentimentos e mágoas, muitas vezes interiorizando as imagens depreciativas que lhe eram impostas, Aída dos Santos, logo após o episódio de abandono e solidão vivido nas Olimpíadas de 64, decidiu falar a imprensa sobre o ocorrido em Tóquio, o que lhe obrigou a dar esclarecimentos a um Ministro em Brasília na época, conforme relatou na entrevista. Evidentemente, Aída resolveu falar depois de sentir uma brecha aberta pela sua excelente performance nas Olimpíadas do Japão. Como ela mesma afirmou, após o resultado obtido, “fiquei conhecida no Brasil inteiro, as portas se abriram para mim”. Contudo, posteriormente, às vésperas das Olimpíadas de 72, realizadas em Munique, a convocação de Aída, tida como certa, não ocorreu. Perguntada sobre os motivos envolvidos no seu corte da delegação olímpica, Aída mencionou a entrevista concedida na época no programa Flávio Cavalcante, quando disse, mais uma vez, “toda a verdade” ocorrida nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964. Provavelmente, com o recrudescimento do regime militar no Brasil, Aída dos Santos foi punida por expor na televisão as agruras vividas naquele evento esportivo. Neste sentido, parece que, por caminhos diversos, tanto Aída quanto Eliane Pereira não participaram das Olimpíadas de 72, em virtude dos dirigentes militares temerem, respectivamente, a explosão violenta de atitudes afirmativas e ódios recalçados. Logo depois, ambas encerraram suas carreiras esportivas, dedicando-se como professoras de Educação Física.

Palavras finais

A partir das trajetórias abordadas, enfatizei como a perspectiva reducionista do binarismo essencialista, dominante nas abordagens feministas entre os anos 60 e 70, obscurecia as diferenciações e pluralidades existentes entre as próprias mulheres, alçadas até então à categoria de um sujeito universal, dotado de uma identidade comum. Ao analisar as carreiras, os projetos, as narrativas e memórias das atletas mencionadas examinei as múltiplas intersecções do *gênero* com outros componentes de diferenciação social, tais como classe, raça/etnia e geração, fundamentais para o entendimento da construção de identidades e

memórias pessoais multifacetadas, nunca estabelecidas definitivamente e sim sujeitas à infinitas recomposições.

Através dessas narrativas femininas foi possível perceber seus pontos de aproximação e afastamento, suas divergências e ambigüidades, bem como as zonas de sombra, as reticências, omissões, os ressentimentos e os esquecimentos que caracterizam as fontes orais. Tais testemunhos possibilitam ainda entrever a pluralidade de estratégias femininas adotadas diante das violências e desigualdades, ou seja, as múltiplas experiências que traçaram as carreiras dessas atletas, seus projetos e esforços para ingressarem e permanecerem num campo significativamente marcado pela hierarquização de gênero. Sendo assim, entendendo o *campo esportivo* como um espaço social de lutas e poder, segundo destaca BOURDIEU (1990), retratei as vivências destas atletas brasileiras que, entre silêncios, tensões, rupturas e conformidades, protagonizaram importantes conquistas pela emancipação e afirmação das suas múltiplas identidades numa conjuntura marcada por uma ditadura militar.

Referências Bibliográficas

- ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2004
- BOURDIEU, Pierre. “Programa para uma sociologia do esporte”. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação masculina”. *Cadernos Pagu* (4), Campinas: UNICAMP, 1995.
- COB. *Sonho e conquista: a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- PERROT, Michelle. “Sair”. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. Recife: SOS CORPO, abril de 1996, 3ª edição, mimeo.
- SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1994.
- SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, n.54, vol.27, jul-dez 2007